



A LITERATURA NO BRASIL PÓS-INDUSTRIAL¹

Manoel Herzog²

Abstraídas as ocorrências históricas de antes do que se convencionou chamar Descobrimento, a nação brasileira nasce sob a égide de um sistema capitalista que emergia da Idade Média, em 1500, ao tempo das grandes navegações. A Idade Moderna se iniciava, o capitalismo substituía o velho sistema feudal, as expedições marítimas buscavam recursos naturais pra uma civilização que os havia esgotado numa Europa famélica. A epopeia ibérica deu uma sobrevida de 500 anos ao velho continente, pilhando as riquezas das populações autóctones americanas. A consolidação do capitalismo viria ao século dezoito, duzentos anos mais tarde, com a revolução industrial inglesa. No campo da literatura, as grandes navegações representaram a morte do gênero então dominante, a epopeia, e o surgimento de

¹ Palestra ministrada em 9 de novembro de 2017, por ocasião do 21º Congresso Brasileiro de Advocacia Pública “Diálogos Interdisciplinares - As letras e a lei - Em homenagem ao escritor Ignácio de Loyola Brandão”.

² Advogado e escritor. Autor de “Jaca de cemitério é mais doce” (2017). Associado do IBAP.

um novo gênero, que se torna, para o capitalismo, a matriz narrativa: o romance. A epopeia morre em português, com *Os Lusíadas*, de Camões, enquanto nasce o romance em espanhol, com o *Quixote*, de Cervantes.

A despeito da proibição pela coroa portuguesa aos grandes processos civilizatórios na colônia, tais como estabelecimentos de ensino superior ou criação de indústrias, o extrativismo que pautou a existência daquelas terras virgens viu nascer, na hoje cidade de Santos, o primeiro e maior empreendimento daquele período, um engenho de cana de açúcar, datado de 1537, que abasteceu a Europa por longo período. A implantação do Engenho dos Erasmos, na encosta do Morro da Caneleira, significou vasta depredação ambiental, para cultivo da cana de açúcar, e emprego de mão de obra escrava, indígena, a princípio, negra depois, durante séculos. O empreendimento, anos mais tarde, foi vendido aos holandeses, daí o nome Erasmos, de Erasmus, o suposto proprietário, tal e qual aquele de Rotterdam, que escreveu o *Elogio da Loucura*. Este Erasmus usineiro acabou aporuguesado, e o engenho, cujas ruínas estão a cuidado da Universidade de São Paulo, é conhecido, até hoje, como Engenho dos Erasmos, como se se tratassem de vários erasmos e não um único.

Superados detalhes históricos peculiares, a indústria brasileira nos primeiros tempos da colonização jamais foi além de processamento primário dos bens de extração. O colonizador tinha um cuidado extremado em não permitir que se civilizasse a colônia, sob pena de perdê-la.

Historicamente o Brasil tem seguido a reboque os processos de evolução do mundo. A revolução industrial que se inicia na Inglaterra transfere ao mundo anglófono o domínio econômico e, por conseguinte, o domínio da linguagem. A língua portuguesa, com a derrocada do império luso, derrotado na batalha em que desaparece o infante Dom Sebastião, passa a um plano secundário, sufocada no panorama da literatura mundial. Estados Unidos a América do

Norte surgem enquanto potência mundial, na florescente América que inevitavelmente superaria a Europa a qualquer hora. Extrativista, inculto, colonial e submisso, o Brasil e sua literatura amargarão o declínio do império português. Nunca é demais lembrar o que Camões disse, velho e cansado, depois da derrota do império: “Eu morro com a minha pátria”. Era o exato tempo em que Portugal, derrotado pela Espanha, perdia seu rei, transportado a uma dimensão feérica. Dom Sebastião ressurgiria agora tal e qual um messias, e sobre este ideário se formam a nação brasileira e sua cultura, país de um futuro jamais alcançado e paciente de infinitas escravizações. Lampião, Antonio Conselheiro, Besouro, Zumbi de Palmares, os heróis do Brasil são sempre os proscritos. O poder, nesta nação, sempre opera em desfavor do povo, e tudo conflui a se imaginar que somente a vinda de um salvador nos redimirá e conduzirá ao lugar que fazemos jus na História. Cientes disso, os dominadores, sofisticados em sua inteligência militar, ora impõe um Jesus pentecostal capaz de matar no nascedouro mais este sonho. Resta, assim, a Literatura, único terreno em que o conquistador ainda não nos suplanta: a linguagem.

A consolidação de uma língua brasileira é processo inevitável, e as tentativas de unificar o português numa norma comum aos povos lusófonos é tão ufanista quanto pretender que o esperanto se torne universal. O Brasil fala língua própria, muito sua, pela boca do marginal, do operário, do jovem, do artista de rua, do camponês. Do escravo. E é sob esta ideia, de que há, subliminarmente, se formando, uma linguagem do povo do Brasil, que se pode falar em literatura brasileira, esta atualmente na transição entre um período industrial e ingressando no pós-industrial.

O primeiro documento literário do Brasil, a *Carta de Caminha*, é um relatório inventariando riquezas, um dossiê capitalista dando conta do que se pode saquear daqui em prol da Coroa. Com Vieira e Gregório é que vai nascer, no Brasil colônia que já se esboça insurreto, a literatura de valor artístico. Mas é com Almeida que ela se torna

narrativa, fabulação, a partir da vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, por obra do acaso aliado à virulência napoleônica, é que aquele *Sargento de Milícias* inaugurará a novela brasileira. Da constituição deste Rio capital é que vai nascer uma literatura genuína, de Almeida a Machado, que ainda não é propriamente industrial, mas que já reflete a transformação que o romance europeu, tributário da revolução industrial inglesa, virá a operar no planeta.

O Brasil entra definitivamente na era industrial a partir da segunda metade do século XX, e das guerras mundiais que levam Getúlio Vargas a implantar o parque nacional. Bem próximo ao paleolítico Engenho dos Erasmos, então, vêm nascer o desastre e o eldorado, mistura de grandezas tão paradoxais, que foi Cubatão, a Detroit-Chernobyl brasileira, espalhando-se a partir deste primeiro polo os subsequentes, Camaçari, Campos, ABC, etc. Cumpre-se investigar, então, que espécie de narrativa gerou, o que mudou na literatura, no registro histórico desta humanidade brasileira, tal processo, para se poder chegar a refletir para onde aponta a literatura pátria na sociedade pós-industrial.

Penso, e apenas penso, que não sou estudioso, mas mero observador, que a dita literatura da era industrial se debruça sobre questões sociopolíticas: ao invés de ambientar a narrativa no seio das fábricas propriamente, investiga a vida nos cortiços, nas comunidades pobres, a luta do povo obreiro, ou seja, forma-se uma literatura de forte caráter revolucionário, pautada no ideário marxista-leninista, simpática à causa do proletariado, mas relativamente alheia à vida nas fábricas e às agruras do trabalho assalariado, tão degradante nos primórdios da industrialização quanto o escravo de outrora, e com avanços bastante tímidos se comparados às comodidades que o capitalismo industrial proporcionou. O trabalhador segue pária social, e vem perdendo espaço no contexto, com a mecanização, automação e desemprego massivo. Os livros de Jorge Amado e Graciliano expolaram nuances de um Brasil ainda predominantemente rural, e o

proletário em que o camponês se vai paulatinamente convertendo é um sujeito que sofre as mudanças de um mundo brutal, ao qual reage de forma desesperada. Rosa trata de um universo rural em franco desmonte, cristalizando a cultura que vai ser a base formadora do futuro agente urbano em que o sertanejo se virá a transformar. Euclides, antes de Rosa, já previa, o Brasil é resultado de um processo predatório, da destruição de uma natureza exuberante que gera a desertificação de um interior de florestas vicejantes, e é neste território agreste que surge o tipo que é antes de tudo um forte, o sertanejo. Um forte sucessivamente derrotado, Sísifo tropical que vem ressurgindo e dando vazão à formação de uma cultura genuinamente nacional, cuja literatura tem o dever de registrar. Talvez no período pós-industrial em que vivemos se venha a narrar a experiência do proletário ipso facto, do homem urbano, o que tem uma pilha de boletos por pagar, um carro conseguido a duras penas, uma casa financiada, uma família, uma prole que lhe justifica o nome, proletário, mas nem isso mais ele está podendo ser: foi terceirizado, virtualizado, expulso pra nova margem da sociedade que gira feito moinho impiedoso.

O verbete da Wikipédia assim define o conceito de sociedade pós-industrial:

*“**Sociedade pós-industrial**, no contexto da [evolução sociocultural](#), é o nome proposto para uma economia que passou por uma série de mudanças específicas, após o processo de industrialização. O conceito foi introduzido pelo [sociólogo](#) e professor emérito da [Universidade de Harvard Daniel Bell](#) na sua obra *The Coming of Post Industrial Society: A Venture in Social Forecasting* de [1973](#).*

Tais sociedades são frequentemente marcadas por:

- Um rápido crescimento do setor de serviços, em oposição ao manufaturado;
- Um rápido aumento da tecnologia de informação, frequentemente levando ao termo [era da informação](#);
- Conhecimento e criatividade tornam-se as matérias cruciais de tais economias.

O surgimento dos métodos de racionalização do trabalho com base nos princípios da Administração Científica (Taylor, 1911) caracterizado pelo paradigma taylorista/fordista de organização do trabalho, tendo como base técnica da produção os processos mecanizados característica da era industrial, verificando-se o esgotamento destes paradigmas devido ao desenvolvimento dos princípios de organização da produção da microeletrônica. A sociedade pós-industrial formada por três esferas distintas social, política e cultural (Bell,1973), onde o axial principal é a tecnologia que tem como principal atividade o processamento de informação com base nas Telecomunicações e computação e tem como princípios o valor - conhecimento em contrapon-to com o valor - trabalho da era industrial. A centralidade do conhecimento teórico assim como as inovações tecnológicas e expansão do sector dos serviços do trabalho torna o trabalho intelectual mais frequente e importante que a simples execução de tarefas. Estas mudanças profundas na organização trabalho origina mudanças estruturais profundas na cultura, política e economia de uma sociedade (Tofler, 1973).” (sic)

Assim, de um início eminentemente extrativista, da caça e recolha dos frutos da mata à agricultura, da agricultura à indústria, ápice do processo de implantação fixação do Homem sobre a Natureza (até porque a indústria destrói a Natureza) chegar-se-ia a uma era de prosperidade em que o trabalho, o esgotamento, a aniquilação das energias do explorado em prol do conforto do explorador, chegariam ao fim. Estabelecida a sociedade industrial, do progresso, os bens gerados seriam suficientes à manutenção de todos sem a necessidade do esforço exauriente que vitimizou o camponês e o operário em eras remotas. Neste contexto, de uma sociedade em que a venda, a terciarização, a informação e os serviços são mais preponderantes que a geração de commodities, surge o agradável conceito de ócio criativo tão bem cunhado por Domenico de Masi.

O homem não mais precisa laborar arduamente por doze, dezesseis horas seguidas, não mais se precisam explorar as mulheres e crianças num serviço insalubre. As novas diretrizes de uma reorga-

nização do trabalho que chega a ter reflexos na legislação dos países periféricos dá oportunidade de se laborar jornadas de 36 horas semanais nos países mais ricos, ou intermitentemente nos pobres, vender a força de trabalho a mais de um feitor e sem gerar vínculo legal protecionista com qualquer deles, enfim, uma panaceia que, bem edulcorada como se mostra, levaria a humanidade um futuro de paz e prosperidade. Não é, obviamente, o que ocorre, a era pós-industrial veio de fato, mas levando à indignação uma legião de ex operários, tal e qual levou a horda de escravos libertos quando de uma abolição que se deu mais por necessidade econômica que por razões humanitárias. A sociedade pós-industrial, nos países periféricos, e o Brasil é talvez o mais periférico destes, por insistir em ser submisso tendo tamanhas condições naturais de ser líder, cria uma casta de indigentes muito próxima ao que Marx chamou lumpen-proletariado: gente que está à margem do processo de produção e que não interage politicamente na sociedade por falta de força e organização. As cidades dos países de terceiro mundo, em especial, embora as capitais europeias e norteamericanas também os tragam a rodo, estão tomadas por indigentes: camelôs, subempregados, artistas nos sinais equilibrando malabres a troco de esmola, desempregados dessindicalizados, velhos à margem de institutos de previdência falidos. A era pós-industrial, da sociedade de informação pautada na internet, traz uma legião de desvalidos tão lamentável quanto outras civilizações, mas com a agravante de que a estes agora até o trabalho é negado. Consumiram os recursos naturais, agora é recolher o lixo, se tanto. O parque industrial brasileiro está sob desmonte: a siderurgia e o refino de petróleo, base da economia da Cubatão objeto deste ensaio, são hoje atividades em franca decadência, seja pela venda a preço infame das riquezas nacionais empreendidas pelo governo que tomou ilegitimamente a nação a serviço de interesses globais, seja pelo exaurimento, ou iminência dele, dos recursos naturais: Até quando haverá petróleo ou montanhas de ferro pra se moerem?

Assim, arrisco o palpite de que a literatura brasileira na era pós-industrial, e estamos com os dois pés bem fincados no atoleiro desta era, vai se debruçar, a contrário senso daquela produzida na era precedente, que priorizou o proletário enquanto agente de transformação social, sobre a figura do indigente, do operário a quem sobrou apenas o bagaço, ao noia abandonado na sarjeta da sociedade de consumo, ao menino que come as rapas do McDonalds, ao frila, ao eventual, ao trabalhador intermitente, a toda uma sociedade em plena desorganização e que não reúne condição, face à letargia em que se vê mergulhada, de transformação social. Uma infinidade de movimentos conflitantes, a todos comum o processo de exclusão, que se anulam entre si. Uma sociedade distópica, em que se assiste ao fim das derradeiras reservas naturais num processo cada vez mais predatório, que levou, por exemplo, o escritor Inácio de Loyola Brandão a cunhar o título de seu festejado romance, *Não verás país algum*. Reynaldo Moraes, em *Pornopopeia*, narra a aventura transcendental de um protagonista que não é mais Ulysses, o mito, mas um anarquista que vive o hedonismo como única forma possível de sobreviver neste mundo contemporâneo.

No cenário internacional, talvez a maior expressão do romance desta era Pós-Industrial seja *Submissão*, de Michel Houellebeck. O final das ideologias e a ascensão de um fascismo aliado ao fundamentalismo religioso, tema tão facilmente identificável no Brasil de hoje, fornecem outro componente para a formação de uma literatura pujante como a que se vem esboçando neste início de século, no Brasil. Chico Buarque, poeta popular maior do século XX, desponta no XXI enquanto um romancista absolutamente inserido em sua época. O narrador de *Leite Derramado* faz a síntese de toda uma era passada e de como vislumbra o tempo atual, a ascensão do pentecostalismo político, as mídias sociais, a desagregação de um mundo que, ele próprio, não era tão digno de se manter em pé. O problema resulta justo no não saber-se para onde se vai. As literaturas de Ricardo Lísias, José

Luiz Passos, Marcelo Mirisola, Marçal Aquino, toda uma miríade de autores que erigem este edifício confuso, uma Babel de línguas desencontradas que podem vir a se fundir numa linguagem brasileira, mas por ora é tudo um grande *work in progress*. De comum a todos os que se incluem na escola pós-ind.: a dominação das mídias digitais, a questão ecológica, o esgotamento dos recursos naturais e a ascensão de fantasmas políticos assombrosos. Quem viver talvez possa relatar. Espera-se que os escritores vivam, surjam. Daqui de dentro é o que dá pra ver, no meu restrito campo de visão. Acho que é isso.